

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.38506>

Ensaio recebido em: 15/06/2021

Ensaio aprovado em: 04/01/2022

Ensaio publicado em: 12/01/2022

EMANCIPAÇÃO DA MULHER E FEMINISMO uma análise a partir de Simone de Beauvoir e bell hooks

WOMAN EMANCIPATION AND FEMINISM an analysis based on Simone de Beauvoir and bell hooks

Alcina Loyane da Silva Marques Santos¹

(loyanemarx@gmail.com)

Resumo: Esse trabalho pretende elucidar acontecimentos históricos por luta de liberdade e igualdade incididos no século XX, onde há especulações sobre os direitos das mulheres, procurando esclarecer em quais contextos ocorreram as ondas do feminismo, com maior ênfase na segunda e terceira Onda a partir da visão de Simone de Beauvoir e bell hooks, respectivamente. Sendo uma a base do movimento na modernidade e a outra na contemporaneidade. Abordando o que foi analisado pelas duas filósofas referente ao sujeito mulher e se há um caminho possível para sua emancipação. Identificando quais problemas foram vistos no movimento feminista, se atendeu a todas as mulheres, explicando qual a relevância dessa discussão dentro da História da Filosofia e delineando linhas filosóficas que contribuíram para esse pensamento, bem como o problema acerca dessa emancipação. Trazendo elementos históricos que colaboraram para formação do que hoje é considerado uma corrente política que contribui em emancipar a mulher da estrutura opressora que a mantém: o patriarcado.

Palavras-chave: Emancipação. História da Filosofia. Feminismo. Mulher na Filosofia. Patriarcado.

Abstract: This work intend to elucidated historic events of fighting for freedom and equality affected in the XX century, where there is speculations about the rights of women, looking for clarify in which context occurred the waves of feminism, with larger enfase in the second and third wave from the perspective of Simone de Beauvoir and bell hooks, respectively. Being a base to the movement in the modernity and another to the contemporaneity. Addressing what was analysed by the both philosophers about the woman subject and if there is a possible path to your emancipation. Identify what problems were seen in the feminist movement, if attended all the women, explaining what the relevance of this discussion inside the History of Philosophy and outlining philosophical lines that contributed to this thought, just as the problem about this emancipation. Bringing the historical elements which colaborath for formacion until today is considered one political chain that contributed to the emancipation of the woman in oppressor structure that keep her: the patriarchy.

Keywords: Emancipation. History of Philosophy. Feminism. Women in Philosophy. Patriarchy.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3802712024878343>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4144-4735>.



Atualmente questões relacionadas aos direitos da mulher têm se tornado debate frequente em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Junto a essa reflexão outra palavra acompanha esses debates: Feminismo. Esse é um termo que vem sendo muito comentado nos meios de comunicações, pesquisas acadêmicas, exposições artísticas e outros espaços.

Para entender o que é o Feminismo e explicar o porquê da relevância de sua discussão se faz necessário apresentar o contexto histórico em que esse movimento se desenvolveu, ressaltando os principais pensamentos ligados a esse momento na História da Filosofia, reforçando que o conceito sobre o feminismo está pertinente às condições da época, sendo um projeto ético, pensando questões acerca da realidade da mulher a cada onda do feminismo.

E, para discorrer sobre esse tema, será trabalhado duas autoras, Simone de Beauvoir e bell hooks, respectivamente o movimento na modernidade e na contemporaneidade. Sendo que para explicar o pensamento da Simone de Beauvoir será introduzido brevemente sua linha de pensamento filosófico, o existencialismo, discorrendo sobre a possibilidade de emancipação (libertação) da mulher e seus problemas. Enquanto bell hooks realiza uma análise a partir de questões de gênero, classe e raça. Considerando o feminismo como o todo, a partir de um processo político, destacando os maiores desafios e reforçando a necessidade de um processo de formação que leve essa discussão para o âmbito popular.

375

1 MOVIMENTO FEMINISTA

O feminismo aparece como uma ideologia moderna que vai abranger uma mudança de paradigma de uma sociedade baseada em uma produção doméstica para uma nova estrutura social, mais dinâmica e mais coletivizada. Quando se pensa na história do feminismo há todo um contexto de transição. Inicialmente as pessoas que compuseram a luta feminista eram mulheres que reivindicavam seus direitos. E, na medida que vai ganhando maior proporção, nasce também a necessidade de uma elaboração teórica sobre esse movimento, o que categoricamente hoje é chamado de feminismo e foi por volta dos anos 60, que se inicia uma ofensiva ideológica que vai analisar como é o fenômeno da opressão no contexto da modernidade. No entanto, uma coisa é a opressão da mulher ocorrer, outra coisa é se ter um movimento organizado que vai refutar essa estrutura.



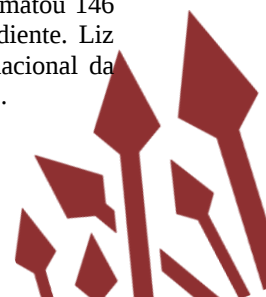
A primeira onda do movimento feminista tem sua origem com as mulheres da classe média alta, na Europa, constituindo consequência da luta pelo direito ao voto e pela representatividade feminina no cenário político que até então movia-se com regras estabelecidas por pequenos grupos de homens brancos, donos de propriedades e que nesse contexto era negada a todas as mulheres a tomada de decisão em qualquer âmbito social, sem levantar questões de raça e classe. Essa onda foi marcada pelo Sufrágio Universal na Inglaterra, final do século XIX, início do século XX, pode-se pensar no início da modernidade.

Apesar de toda a luta das mulheres e diversas tentativas de mudanças, até o final do século XIX ainda não se tinha conseguido o direito de voto e tampouco a representação feminina no meio político. Em meio a esse contexto de hegemonia política masculina, a mulher era vista apenas como quem deveria cuidar dos assuntos domésticos e atender às necessidades do marido. As mulheres, então, foram tomando iniciativa de colocar suas propostas no papel, com vistas a garantir a sua participação na sociedade e direitos a fazer parte da política.

Nessa luta e nos diversos movimentos empreendidos, muitas mulheres foram mortas, houve várias greves de fome e diversas formas de manifestação em protesto contra sua marginalização na sociedade. No entanto, foi só em 1918, que o direito ao voto feminino foi conquistado. Foi em homenagem as mulheres que haviam morrido na luta em prol dos seus direitos que a “(ONU) - Organização das Nações Unida” reconheceu no dia 08 de março de 1977 como sendo o “Dia Internacional da Mulheres”².

Esses acontecimentos foram contribuindo para o movimento feminista que chega ao Brasil bem mais tarde em relação a Europa (onde se iniciou) e aos Estados Unidos. O movimento ganha repercussão no Brasil a partir do século XIX, e no século XX, enquanto o país vivia a crise democrática, esse cenário favoreceu o início da “segunda onda”, trazendo como reivindicações além da valorização do trabalho da mulher, o direito ao prazer, contra a violência sexual, também lutou contra a ditadura militar. Segundo Joana Maria Pedro, o primeiro grupo de mulheres feministas se formou em 1972 e era constituído por professoras universitárias.

² Em 25 de março de 1911 um incêndio na fábrica de roupas Triangle Shirtwaist, em Nova York, matou 146 pessoas; 23 homens e 123 mulheres. As saídas estavam trancadas para não saírem durante o expediente. Liz Batista. “O Estado de São Paulo” 04.01.1985. Disponível em <Porque 8 de março é o Dia Internacional da Mulher - notícias - O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão (estadao.com.br)> Acesso em: 16 fev. 2021.



A chamada segunda onda do feminismo se refere ao período após a Segunda Guerra Mundial e perdura até o final dos anos sessenta, e a principal luta das mulheres nessa época era com relação a liberdade de seu corpo, no que tange ao prazer, os direitos reprodutivos e conjugais. A historiadora Joana Maria Pedro escreve, em seu artigo intitulado O uso da categoria de gênero (2005), que esse período “deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres” (PEDRO, 2005, p. 79). Foi nessa onda que deram mais ênfase para elaborações teóricas sobre o Feminismo, sexualidade e o surgimento do conceito gênero, momento importante pois é a partir desse período que surge essa discussão sobre gênero como algo distinto de sexo biológico e quando se reflete na formação da mulher. Um movimento, uma ferramenta tanto de análise, como de política.

Dessa forma, mudar questões como a criminalização do aborto e a violência doméstica e sexual contra a mulher era o grande propósito dessa segunda geração. Um grande marco dessa época também, foi o lançamento do livro “*A Mística Feminina*” de Betty Friedan (1963), que trata de desvendar os mitos em que é determinada a função da mulher em relação ao homem, vista apenas como progenitora, com a obrigação de cuidar dos filhos e do marido. Esse livro colaborou na reflexão sobre ser mulher e impulsionou as mudanças que se faziam necessárias na sociedade. De acordo com a obra de Friedan (1963), a ação feminina se limitava a ser sempre no interno, enquanto ao homem cabia a função e o direito ao externo, e essa era uma situação passada de geração a geração, a mãe educava e criava os filhos varões e as filhas submissas, tal qual aprendera e vivera e, por vezes defendia essa situação como normal e natural. Desta forma, muitas mulheres aceitam que são inferiores não por opção, mas porque isso lhes fora imposto, que o lugar dela é, e deve ser sempre assim.

A terceira onda surge na década de noventa e traz as discussões sobre a diversidade de gênero e o feminismo de uma forma mais ampla, envolvendo as mulheres em geral. Até então o feminismo focava muito nas mulheres brancas, heterossexuais, de classe média/alta. A proposta agora desloca o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero (NARVAZ, 2006). Durante essa onda começou a se discutir os paradigmas estabelecidos nas outras ondas. Contudo, nos Estados Unidos, mulheres negras, como bell hooks, desde a década de setenta denunciavam a invisibilidade das negras dentro da pauta de reivindicação do movimento feminista. Essas demandas em relação a raça, classe,



sexualidade (questão das mulheres lésbicas) se intensificam, é uma reafirmação das pautas que já estavam em movimento, mas que não tinham tanto destaque até então.

2 FILOSOFIA DE SIMONE DE BEAUVOIR

A obra de Simone de Beauvoir não é diretamente uma teoria feminista, no sentido de ter sido escrita diretamente para esse público, apesar de ter sido publicada no período identificado como a Segunda Onda do feminismo o livro era para pessoas do seu tempo, daquela totalidade histórica. O contexto filosófico em que Beauvoir vivia nessa época era o da corrente do existencialismo. E para explicar sobre essa linha filosófica é necessário considerar a partir da corrente filosófica grega em que se compreendia o mundo através da ideia de essência. Platão, em seu livro *A República*, escreveu sobre a existência de uma verdade que está no mundo das ideias e cabe ao ser buscar essa verdade que seria a essência em que o mundo se consolidava a partir dela. Posteriormente, trazendo consigo uma nova esfera científica, filosófica e uma nova configuração de mundo, surge o Renascimento e essa ideal de essência já não era possível sustentar. É exatamente nessa linha que o existencialismo se insere, negando essa essência com base na argumentação de que o ser e as coisas estão em constante transformação e movimento, ou seja, elas estão e não é algo definido, não existindo assim uma essência biológica humana permanente e é dentro desse processo que o mundo ocorre.

O problema filosófico se dá em discutir as relações que constituem o mundo. Existe o mundo, existe o ser, existem as relações desse ser com o mundo, e a relação do ser acontece a partir da relação com o mundo, sem pensar em algo primeiro ou último da existência. Só se pode pronunciar sobre o que está na existência.

Simone de Beauvoir pensa a existência a partir de uma questão de gênero, uma vez que escreve que a relação do indivíduo do sexo masculino com o mundo é diferente da abordagem do sexo feminino. Então esse problema da existência deve ser tratado a partir da questão de gênero, e exemplifica que na abstração é possível falar de maneira universal, sem se atentar a gênero, mas não para experiências concretas, e a própria Filosofia até então possuía uma linguagem universal que não engloba a experiência feminina (de forma concreta).



A partir dessa abordagem sobre gênero, Beauvoir questiona o que é ser mulher, e a descreve como uma categoria, sendo homens a categoria A e as mulheres simplesmente a categoria não-A, ou seja, categoria não-homem e esse gênero ocupa tanto a categoria positiva, quanto a neutra. A mulher constitui a categoria negativa (a negação do que é não ser homem), normalmente enxergando as pessoas como o não eu, como por exemplo os negros quando enxergam os brancos, os judeus quando enxergam não judeus, nessa relação há reciprocidade em relação a ideia de outro, mas quando se fala sobre as mulheres não aplica o mesmo, uma vez que se enxergam como o próprio outro (onde o homem é sujeito e mulher é objeto), não havendo essa reciprocidade e compartilhando dessa ideologia dos homens.

Beauvoir questiona o porquê das mulheres se enxergarem como outro, diferente das demais categorias, e porque ela aceita essa submissão. Para esse último questionamento, Beauvoir afirma que as mulheres ainda não possuem os meios concretos para se emancipar, pois o primeiro passo seria constituir uma unidade para assim se afirmar e depois se opor, enxergando o outro como o outro, mas que a estrutura para que a mulher liberte e se emancipe é dificultado por não existir uma história sobre a opressão da mulher, algo que as torne unidade.

379

No caso de trabalho versus patrão, existe também o outro, mas não na mesma identificação do outro da mulher, visto que no caso das mulheres existem outros tipos de laços e, no caso do trabalhador, o próprio trabalho une esse outro. A unidade da mulher é mais dispersa na sociedade porque não há história ou momento de onde se apresente a origem da opressão feminina, ela sempre esteve e ainda está presente. Seguindo a linha de pensamento existencialista, às vezes ser o outro pode ser confortável porque não há a angústia da liberdade, no caso da mulher essa realidade já está dada, afinal, não há o sujeito, ela é apenas um objeto, fazendo o papel de “ser não essencial” perante o essencial, formulando a ideia de androcentrismo, pensar que o problema da mulher está no fato do mundo ter sido construído pelos homens, ou seja, toda perspectiva que se tem é apenas pelo olhar masculino.

A partir dessa afirmação, Beauvoir reordena toda uma discussão que se constrói do seu lugar de fala. É mais que dar visibilidade, ela passa a fazer filosofia de uma maneira completamente diferente do que até aquela época haviam feito. É a própria filosofia que se reconstrói a partir desse ponto. Beauvoir parte da posição de uma mulher consciente do seu lugar e o espaço que está utilizando, se afirmando como mulher, dentro dessa perspectiva libertadora e libertária de um poder dizer, pensar e escrever. É uma contribuição feminista para a própria Filosofia, para o pensamento e para a História.



A mulher entra como protagonista do feminismo porque esse problema parte de um lugar assumido por ela, podendo assim dizer certas coisas que só quem está nesse lugar é possível dizer. Mas no que se refere ao movimento libertador (emancipatório), ele engloba toda a sociedade, porque não há libertação se em alguma parte ainda houver servidão, afirmando que há duas possibilidades: ou todos se libertam ou ninguém está livre.

Ainda primeira parte do seu livro *Segundo Sexo*, Beauvoir explica como se deu uma mistificação a partir de mitos e literaturas e questiona sobre essa essência feminina, buscando alguma justificativa para a condição de subordinação da mulher em relação ao homem, para isso questiona a biologia, pois há escritos que discorrem que existe uma inferiorização biológica da mulher em relação ao homem.

Durante a Revolução industrial, a biologia contribuiu para a concepção de que a mulher seria de uma natureza inferior. O mesmo aconteceu com os negros, e no caso a mulher negra seria classificada de maneira ainda mais inferior em relação ao homem, o que, posteriormente, Angela Davis vai conceituar como ‘O outro do Outro’. Mas Beauvoir não nega que biologicamente exista uma natureza feminina, mas sim questiona o porquê desse fator biológico ser uma justificativa para as mulheres permanecerem sem possibilidade de transcender tão qual os homens conseguem, permanecendo na imanência, exemplificando que apesar da mulher conseguir o espaço para trabalhar, ela ainda não se livra do trabalho doméstico e isso piora a condição de vida das mulheres, uma vez que a mulher não alcança o mesmo sucesso do trabalho que os homens alcançam, tendo uma experiência muito diferente da dos homens. A biologia não explica o motivo dessa subordinação da mulher.

Beauvoir também questiona a psicanálise, uma vez que há nessa área questões que tratam mulher como um ser inferior. Ela não chega a negar o Freud, mas destaca que ele é um sujeito fruto de um contexto histórico onde se valoriza mais a virilidade do que a feminilidade. Apesar de, no final das análises, Simone de Beauvoir concluir que as mulheres são inferiores, ela reforça que não é por uma questão de essência ou biológica, mas por uma construção social que não permite impelir a formação do sujeito mulher:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, 2009, p. 267)



Construiu-se uma situação em que ser mulher, ou seja, ser feminina, implica uma condição inferior. A questão é se isso vai se perpetuar. A transformação (se houver) precisa ser coletiva, não individual. Precisa ser mudada toda a estrutura onde o masculino é a referência ou representação principal. Para alcançar essa condição da mulher é necessário transformar a estrutura desse mundo, trazendo uma perspectiva feminina, fazendo das mulheres sujeitos, e não objetos, sendo elas mesmas criadoras de suas existências e não mais colonizadas pelas ideias dos homens.

O livro *O Segundo Sexo* vai questionar a ideia de homem enquanto padrão de medida, analisando a História da Filosofia para discutir sobre essa masculinidade como a humanidade plena. A base que vai fundamentar o pensamento desse livro é a fenomenologia³ e existencialista, a pergunta pelo sentido do ser, questionando o fato do Eu do conhecimento filosófico ser o masculino, o consciente é o masculino, enquanto o outro é passivo. Tudo que o Eu rejeita seria o feminino.

A mulher quando pensa em relação a luta pela igualdade em relação ao homem, traz um assujeitamento da mulher se pensado a partir da fenomenologia, da experiência como elemento para se pensar o que é o ser humano, o que é o ser no mundo. Cada um constrói o mundo a partir dessa experiência e o gênero influencia a relação com o corpo, os outros e o mundo.

O pensamento de Simone de Beauvoir é muito além que uma proposição sobre prioridade da luta, mas sim uma investigação filosófica do que é a mulher e o que é ser mulher. Existe uma oposição entre o biológico e o social. Nem o masculino como padrão de medida, e nem a passividade, o caminho para se chegar à igualdade seria a liberdade. As mulheres se colocando como sujeito político do processo político. Total domínio das estruturas onde se pode dizer alguma coisa.

3 FILOSOFIA DE BELL HOOKS

bell hooks, em seu livro *“Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo”*, (1981) tece algumas reflexões sobre o feminismo, bem como sobre a representatividade não

3 “Como um método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar.” (MARTINS, 2006, p. 18) Para Edmund Husserl, a fenomenologia se manifesta como um método de investigação que tem a intenção de compreender o fenômeno, isto é, a aparição das coisas a consciência, de uma maneira rigorosa.



representatividade das mulheres negras dentro das construções discursivas e das experiências trazidas por essa vertente feminista. Em sua obra, a autora aborda o caráter histórico das opressões racistas e sexistas, além de tratar de questões relativas a exploração e o estereótipo do “corpo selvagem” da mulher negra.

A opressão vivida pelas mulheres brancas e negra, em uma sociedade patriarcal revelam experiências individuais que as inserem no grupo. Conforme nos demonstra Baumann (2005):

Afinal de contas, a essência da identidade – a resposta à pergunta “Quem sou eu?” e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. (BAUMANN, 2005, p. 74)

A narrativa das experiências vividas pelas mulheres, em suas situações de submissão masculina, violência doméstica opressões sociais, possibilitam aos sujeitos destinatários o sentimento de reconhecimento de sua pessoa, individual, dentro da identidade coletiva do grupo social.

É essa a percepção de Hooks, de que todas as mulheres são oprimidas, contudo há diferenças em relação a forma em que são percebidas e tratadas e se refere as mulheres dos Estados Unidos, que por mais que suas escolhas não estejam dentro dos padrões sociais estabelecidos, elas existem (hooks, 2015). A autora é categórica em afirmar que as mulheres brancas, nunca conseguirão sequer imaginar o real sofrimento e a luta constante, as quais as mulheres negras têm que enfrentar. Elas estão inseridas não só em relação a condição feminina, mas também ao preconceito racial desde a época da escravidão, estão duplamente desprivilegiadas. Hooks relata justificando e esclarecendo seu posicionamento e sentimentos:

Tendo crescido em uma família negra do sul dos Estados Unidos, de classe trabalhadora e dominada pelo pai, eu vivenciei (como aconteceu com minha mãe, minhas irmãs e meu irmão) diferentes graus de tirania patriarcal, e isso me deixou com raiva – deixou-nos todos com raiva. A raiva me fez questionar a política de dominação masculina e me permitiu resistir à socialização sexista. Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras “a” análise e “o” programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão [...]. (hooks, 2015, p. 201)



Hooks mostra com muita clareza seus sentimentos e entendimentos sobre as diferenças que existem entre as mulheres brancas e as negras e demonstra que mesmo dentro do movimento existe um forte preconceito. Ela define que ao participar de grupos de mulheres brancas, acontece de a mulher negra não ter a sensação de pertença (hooks, 1984, p. vii).

A mulher negra tem sua luta tanto pela escravidão sexual, quanto pela escravidão racial, além da inferiorização feminina. Em sua obra, hooks (1981) alerta que “mesmo após o período da escravidão, as mulheres negras continuaram sendo tratadas pela sociedade como mulheres de segunda classe”. (hooks, 1981, p. 44). O corpo da mulher negra era entendido como lugar de domínio do homem branco, mais especificamente o da africana escravizada para proveito e uso do colonizador, assim ele foi construído sócio culturalmente (hooks, 1981).

A autora afirma, que para o colonizador o corpo da africana, assim como para o homem branco, era um objeto de prazer e trabalho: “A mulher africana, educada na arte da obediência pela alta autoridade da tradição da sua sociedade, foi provavelmente vista pelo homem branco como um sujeito ideal para a escravatura” (hooks, 1981, p. 21).

Dessa forma, as mulheres negras foram caracterizadas histórica e ideologicamente em um universo de opressão racista e sexista. Portanto, o corpo da mulher Africana era objeto de agressões sexuais do seu dono, colonizador, homem branco e estupro era o elemento opressor de impor sua autoridade, superioridade e domínio. Sujeita a agressões sexuais ou raciais a mulher negra era destituída de toda e qualquer dignidade:

Desafiar o pensamento sexista em relação ao corpo da mulher foi uma das intervenções mais poderosas feitas pelo movimento feminista contemporâneo. Antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens. (hooks, 2018, p. 57)

Essa ideologia política e cultural que relacionam o corpo das mulheres negras à violação e às investidas sexuais, na atualidade brasileira, o corpo da mulher negra ainda é entendido sócio culturalmente como mais sensual e sexual, se comparado com a mulher branca. Ainda hoje, a mulher é explorada socialmente e na mídia em propagandas usam seu corpo para as suas marcas, com as mais diversas conotações.



Toda essa visão sexista da mulher é fruto do patriarcado, segundo bell hooks, que se intensifica quando se trata de uma mulher negra e que por muito tempo o feminismo ignorou a existência de tais questões.

Não são somente as mulheres que são vítimas de violência em casa, crianças também, principalmente crianças do sexo masculino segundo hooks, isso porque desde pequeno forçam a criança a um comportamento que negue qualquer sensibilidade ou qualquer comportamento que seja socialmente como feminino, utilizando a violência como método para ensinar a serem o que a sociedade solicita. O feminismo é para todos, segundo hooks, porque é uma luta direta de todos contra esse sistema e que todos se libertariam. Mas para se alcançar esse momento é necessária uma reestruturação que modifica esse sistema patriarcal.

A luta de bell hooks é centrada no entendimento da existência de um coletivo de mulheres, é com esse conteúdo que ela se preocupa em defender. Sua crítica vai em não transformar a visibilidade da luta para o individual sobrepondo-a ao coletivo. Esse seu posicionamento é muito claro pois para hooks o coletivo carrega as experiências pessoais que embora vividas de forma particular, se equipara as demais experiências vividas pela coletividade.

384

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone de Beauvoir traz uma abordagem sobre a categoria de gênero a partir de uma perspectiva existencialista. A linha central de sua reflexão é a busca por entender o que é ser mulher, que na sua concepção, passa por construir uma emancipação que resulta em um movimento feminista existencialista, o qual se traduz na mulher ciente de suas possibilidades e direitos. Para Beauvoir a emancipação da mulher só será possível a partir da liberdade. Deve-se pensar em libertação e não igualdade do sujeito.

Toda e qualquer mulher que esteja de alguma forma sujeita a um homem, nunca estará livre. Não existe possibilidade de uma mulher conseguir independência se não for acompanhada de uma autonomia financeira, em que não dependa de nenhuma forma de nenhum homem. Quando a mulher trabalha diminui um pouco a barreira de desigualdade entre os gêneros, mas deve-se lembrar que nessa sociedade capitalista a mulher sempre estará



sendo explorada em algum ambiente, sendo em casa ou no trabalho, levantando outra questão que é em muitos casos ter que negar sua feminilidade para obter aceitação e sucesso no mundo patriarcal.

Há contingências sociais, culturais e históricas que impõe a diferença de condição entre homens e mulheres. A importância de Simone de Beauvoir na questão no existencialismo está principalmente na inserção da condição da mulher dentro dessa perspectiva existencial, cabendo a esse sexo feminino se construir, ressaltando que, assim como o homem, só se define a partir da sua existência, a partir das escolhas que ela toma em sua existência. Mais uma vez Beauvoir não nega as contingências da vida humana, no caso das mulheres é preciso acrescentar ainda as contingências sociais porque são essas que tem negado a mulher a condição de exercer livremente a sua vontade e exatamente contra o qual tanto Simone de Beauvoir, quanto bell hooks, dizem ser preciso lutar. Mas no que se refere a Hooks, existem outros fatores que influenciam a experiência quando se trata da mulher negra.

Quando bell hooks discorre sobre vivência da mulher negra e a invisibilidade desse grupo na sociedade e dentro do próprio feminismo, ela reafirma o que Beauvoir escreve sobre a mulher, mas ressaltando que a mulher negra tem sua relação com o mundo ainda mais afetada, uma vez que sua experiência é condicionada não somente pelo gênero, mas também por questões raciais, ficando ainda mais à margem.

Tanto para Beauvoir, quanto para hooks é possível uma emancipação. Embora o caminho não seja descrito da mesma forma, o objetivo é o mesmo: a libertação da mulher da sociedade opressora, passando a construir a sua própria história, sujeito de si, que impacta não somente no gênero feminino, pois apesar da mulher ser o centro de discussões de pautas feministas, não é somente ela que se beneficia com esse movimento, uma vez bell hooks discorre sobre o feminismo ser para todos, ela esclarece que toda a estrutura social é diretamente afetada pelo patriarcado, mesmo que alguns homens brancos ainda sejam beneficiados, há também muitas desvantagens, a própria violência é uma delas, pois muitos ainda crianças são vítimas desse método do patriarcado. Ambas as pensadoras destacam a necessidade de uma formulação de um sujeito mulher, que almeja ser libertada das limitações sociais impostas pelo seu sexo biológico, confrontando essa cultura da dominação masculina e indo contra as normas sociais que reforçam a ideia do patriarcado.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.
- MARTINS, J. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Centauro, 2006.
- PLATÃO. *A república*. Trad. Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.
- TICKNER, J. Ann. *Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security*. Columbia University Press, 1992.

